

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 4 - Educação de qualidade

O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL: O ENIGMÁTICO CRIATIVO, O CORPO DA CRIANÇA E O LÚDICO NA ESCOLA ALFABETIZADORA¹

PEDAGOGICAL PLANNING AND THE TRANSITION FROM CHILDHOOD EDUCATION TO FUNDAMENTAL EDUCATION: THE CREATIVE ENIGMATIC, THE CHILD'S BODY AND THE PLAYER IN THE LITERACY SCHOOL

Angélica Taís Schneiders², Neusa Cristina Pereira³

¹ Artigo realizado como resultado da prática do Estágio Supervisionado II - Séries Iniciais, da Graduação em Pedagogia da Sociedade Educacional Três de Maio

² Pedagoga pela Sociedade Educacional Três de Maio

³ Professora do Componente Curricular de Estágio Supervisionado II - Séries Iniciais (SETREM)

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo, ao qual fará uma análise crítica a partir da prática do Estágio Supervisionado II, no Ensino Fundamental I, Anos Iniciais, da Graduação em Pedagogia, discorrendo sobre os processos criativos que a escola de ensino fundamental oferece, baseando sua interpretação no planejamento pedagógico da escola e do professor, e em seus entendimentos sobre a ludicidade, e como ambos são constitutivos para a criança em relação a formação de seu corpo neste período alfabetizador.

Sendo o objetivo dessa pesquisa, entender o quanto os processos formativos são ambíguos e distintos entre a educação infantil e o ensino fundamental. Além de colocar-se no lugar da criança, em processo de empatia, percebendo suas angústias e dificuldades, entendendo o quanto o ambiente influencia na aprendizagem, e principalmente pensando a criatividade, o lúdico e corpo que constituem a criança e planejamento pedagógico na educação infantil e o quase rompimento dessas práticas no ensino fundamental.

Dessa forma, a pesquisa deteve-se em pensar três pontos importantes no que diz respeito tanto a prática pedagógica alfabetizadora crítica, quanto a formação da criança, sendo que assim, pensa-se o enigmático criativo, o corpo e o lúdico, e as contribuições de cada um destes elementos, no diz respeito a aprendizagem e ao desenvolvimento de crianças, em processo transitório. Avaliando a partir de uma experiência pedagógica intensa, a qual foi o Estágio Supervisionado II, os caminhos para uma prática que considere o infantil também no Ensino Fundamental, pois afinal ele pede para ser ouvido, ele está lá.

Palavras-chave: Alfabetização. Corporeidade. Criança. Criatividade. Ludicidade.

Keywords: Child. Corporeality. Creativity. Literacy. Playfulness.

METODOLOGIA

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

O trabalho em questão é resultado da prática do Estágio Supervisionado II, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Sociedade Educacional Três de Maio, que interviu no Ensino Fundamental, Séries Iniciais, durante o período de 40 horas do primeiro semestre de 2018, com uma turma do 3º Ano, com 32 crianças de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, no município de Horizontina-RS.

A pesquisa apresentou cunho qualitativo, de acordo com os conceitos de Fonseca (2002, p. 34) trabalhando com o universo de significados, de valores próprios da essência do humano, priorizando a qualidade das relações, das trocas, da aprendizagem coletiva, e da pesquisa como suporte para a reflexão e para a transformação dos sujeitos e dos processos.

Além disso, trata-se de uma pesquisa-ação, ao qual, segundo Fonseca (2002, p. 34),

pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto.

A análise dos dados, portanto, seguiu os pressupostos desta metodologia, preocupando-se especialmente em reviver a pesquisa, assim, “o investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros”. (Fonseca, 2002, p.35).

Assim, os dados para organização de todo Projeto de Pesquisa e para os Planos de Aula que resultaram neste artigo, foram o resultado da observação e da atuação no espaço da escola de ensino fundamental, além da interação com a equipe diretiva e com a professora regente da turma e principalmente dos comentários, das falas, dos desejos e sonhos das crianças, aos quais observou-se atentamente, para a realização dinâmica dos planejamentos pedagógicos. Diálogos entre todas as esferas da escola, que promoveram oportunidades de reflexão, e principalmente vislumbram cenários de mudança, aos quais também originam a escrita desse trabalho acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrar uma escola de Ensino Fundamental I, você se depara com crianças correndo, brincando, jogando futebol, pulando corda, enfim, você entre em contato com uma realidade saudável e maravilhosa da infância. Mas, além disso, você também percebe a criatividade fazendo parte de todos esses andares. Porém, é só você ficar atento que logo uma ordem mudará esse contexto: Não pode pular corda no gramado, não pode correr no corredor, não pode desenhar de giz no chão, não pode, não pode, não pode.

Todos esses “não pode” em questão, são importantes na constituição de regras, limites e disciplina que uma criança precisa conhecer, saber e respeitar em nossa sociedade, porém estas conduções/ ensinamentos, não deveriam tirar o direito de expressão e liberdade que a criança tem e ainda mais dentro de um espaço dela, a escola. Essas regras em excesso, trazem consequências sérias em relação ao processo criativo de nossos alunos. Pois, não se pode esquecer, que além delas, esses sujeitos nativos digitais, já são formatados diariamente, pela mídia televisiva, pela internet e pelas muitas

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

outras formas de consumo e padronização que lhes é dado acesso.

Assim sendo, aquele(a) menino(a) sonhador(a), que criava quando pequenino(a), monstros, mundos coloridos e diversas outras brincadeiras, vai sendo moldado e ganhando cada vez mais, uma forma séria e padronizada de homem/mulher. A escola, por sua vez, ao invés de auxiliar a permanência desse menino(a) sonhador(a), acaba por tirar de vez seus “óculos tridimensionais” o limitando em suas experiências.

Pergunta-se: O que aconteceu? Onde está? Quem comeu a criatividade? Pois bem, é nítido perceber que um sujeito aprendiz que faz parte desse nível de ensino infelizmente, não se constituirá como “cidadão ativo, crítico, membro solidário e democrático de uma sociedade” (Tomaz Tadeu da Silva, 1995, p.3). Qual o objetivo disso? Deixa-se a seu cargo refletir, porém reafirma-se aqui, a importância de um planejamento pedagógico comprometido com a formação criativa desses alunos.

Vale costurar a essa definição de criar, o retalho de Cecília Meireles (2002, p.7) que belamente remenda,

Os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra, inocentemente, vai até onde o sonho das crianças deseja ir (às vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso [...]) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente, com um fio de linha e um pouco de vento!

Esse remendo nos faz voar com o planejamento, pedra que junto as pipas sobrevoa um campo esquecido de nossa memória, e que como docentes precisamos relembrar, a infância. Planejar, como referido por Redin (2007), é “fazer planos, projetar [...] quem faz planos/projetos, sonha e imagina, escolhe seu sonho”. Assim também, é esperado que a Escola de Ensino Fundamental, acolha cuidadosamente em seus espaços a criança e suas expectativas de voo, e lhes ofereça por meio de um planejamento que caminha vislumbrando fantasias, ritmos, desafios e possibilidades cada vez maiores de ser e de viver.

Segundo Larrosa (2004, p.184)

A infância é um outro: aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua.

Entender esse outro, e a partir dele e dos vários outros pensar uma escola disposta a encerrar o desafio de compreender a infância, de partilhar e aprender com ela e principalmente de respeitá-la em suas escolhas, em sua corporeidade necessária e na estruturação dialogada de suas regras, seria fundamental para que os (as) pequenos (as) da história continuassem a cantar: “Põe a mãozinha pra frente, põe a mãozinha pra trás, dá uma reboladinha e acelera um pouco mais”.

Compreender a importância de explorar o corpo em um planejamento pedagógico no Ensino

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

Fundamental, demonstra que o professor compartilha dos estudos de Luria (1986) e de Gonçalves (2009) em relação ao desenvolvimento psicomotor das crianças, entendendo que todo aprender precisa necessariamente, para ser consolidado, passar pelo corpo do sujeito aprendente. Assim, esse professor certamente planejará através de metodologias variadas, e se utilizará do lúdico, com seu jogo, brinquedo ou brincadeira, para atingir seus objetivos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E aqueles pequeninos crescem, são alfabetizados, recebem algumas luzes de letramento, passam de ano, estudam, fazem inglês, oficina de violão, têm futsal toda quinta-feira, chegam apressados, almoçam e vão para a escola. Já tem rotina de adulto, para a infância dão adeus, como já dizia Narodowsky (1998). Acostumados com sua rotina na escola, chegam e fazem a fila, a professora ao toque sinal busca seus alunos e os encaminha para a sala de aula.

Lá, já no terceiro ano do Ensino Fundamental, a professora com um olhar atento, percebendo que sua turma não está a compreender aqueles números todos e o corriqueiro C-D-U, propõe: “Vamos fazer um jogo chamado a panela de feijões, peguem seus lápis, suas tabelas e vamos ao pátio”. Um menino assustado, levanta a mão e questiona: “Nós vamos mesmo ao pátio!?”.

Sim, é possível ir ao pátio, é preciso ir a quadra, explorar a área verde ao lado da escola, realizar passeios de pesquisa, brincar com balões para aprender os temidos sinônimos e antônimos, é possível construir uma venda na própria sala de aula, desafiando os alunos a construírem sua própria carteira e terem controle de seu dinheiro, vendendo e comprando e decifrando o sistema monetário com suas próprias mãos, é maravilhoso realizar experiências científicas na escola, dialogar a partir de documentários, descobrir vivências que pareciam tão distantes e que na realidade estavam ali, todo esse tempo, sentados e calados.

Dessa forma, oportunizando voz e vez a infância, ao aluno e a criança que lhe compõe, por meio da ludicidade o professor dá a autonomia que o sujeito aprendente necessita para sair de sua condição de fragilidade e buscar construir seus conhecimentos por meio de diferentes experiências. Winnicott (1975) refere-se ao jogo como uma experiência, sempre a uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, ou seja, uma forma básica de viver. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975 p.79).

Ao final da tarde, aquele menino dá adeus a sua professora e lhe agradece por sua aula, bem como cochicha baixinho em seu ouvido: “Eu gostei muito de te conhecer e de aprender a gostar de aprender”. A professora arrepia-se ao ouvir tal declaração, certamente ela a partir desse dia descobriu-se como educadora, e além disso, percebeu o quão incrível é utilizar de metodologias e formas diferenciadas de trabalho, também no Ensino Fundamental.

Ela descobriu, que é o planejamento dela que pode transformar aquele espaço formatado por um currículo que como diz Tomaz Tadeu da Silva (1995) tem culturas negadas e silenciadas, e uma escola em processo de “coisificação” (p.5), em um ambiente instigado ao criativo, ao diferente, ao motivado e ao competente. E só para lembrar, a professora, não precisou de muito para isso tudo fazer, bastou ela olhar, sentir, considerar, planejar e vivenciar a sua profissão com orgulho, esperança e alegria encontrando-se nesse espaço e reafirmando-se em sua profissionalidade.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

Por fim, chegando a sala dos professores ela os disse: “ Hoje saio daqui com a certeza de fiz a diferença, para a vida de uma das tantas crianças que aqui passam, hoje eu me despi de minhas verdades e me permiti ao novo e assim, me descobri verdadeiramente, educadora.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LARROSA, Jorge. 2004. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto, Belo Horizonte, Ed. Autêntica.

LURIA, Alexander Romanovich. 1986. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein e Mario Corso. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas.

MEIRELES, Cecília. 2002. **Escolha o seu sonho**. Editora Record. Rio de Janeiro.

NARODOWSKY, Mariano. 1998. **Adeus à infância (e a escola que ensinava)**. In: **Silva Luiza Heron da. A escola cidadã no contexto da Globalização**. Porto Alegre, Ed. Vozes.

REDIN, Marita Martins. 2007. **Planejamento na Educação Infantil com um fio de linha e um pouco de vento**. Porto Alegre. Mediação.

SILVA, Tomaz Tadeu da. 1995. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis RJ, Ed. Vozes.

WINNICOTT, Donald Woods. 1975. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Ed. Imago.

Parecer CEUA: 2208566